

A Última Páscoa

John MacArthur Jr.

“O Mestre manda dizer: O meu tempo está próximo... celebrarei a Páscoa com os meus discípulos.” Mateus 26.18

A Páscoa era a primeira festa do calendário judaico, celebrada todo ano “no mês primeiro, aos catorze do mês, no crepúsculo da tarde” (Lv 23.5). Era a ocasião em que cada família em Israel comemorava a libertação da nação do Egito com o sacrifício de um cordeiro sem mancha. A festa também era a mais antiga de todos os dias santos dos judeus, sendo que a Páscoa foi celebrada na véspera da libertação israelita do Egito.

A Páscoa era imediatamente seguida pela festa dos Pães Asmos (Lv 23.6). Esse acontecimento durava uma semana, o que estendia o período inteiro de festa para oito dias. As duas festas eram tão intimamente associadas que o período de oito dias era às vezes chamado “a Páscoa” e às vezes chamado “a Festa dos Pães Asmos” (O próprio Novo Testamento às vezes usa os termos indiferentemente, repetindo o linguajar comum). Porém em termos técnicos, a “Páscoa” refere-se ao décimo quarto dia de Nisã (o primeiro mês do calendário judeu) e “a Festa dos Pães Asmos” refere-se aos sete dias restantes do período festivo, que terminava no dia 21 de Nisã.

Quatro dias antes da Páscoa, no dia 10 de Nisã, cada família em Israel tinha de escolher um cordeiro sacrificial sem mancha e separar aquele cordeiro do resto dos rebanhos até a Páscoa, quando o cordeiro seria morto (Ex 12.3-6). Durante aquela última semana antes da sua crucificação, o próprio Jesus sem dúvida fez isso juntamente com os seus discípulos, escolhendo um cordeiro na segunda-feira daquela semana.

Vale lembrar que registros históricos dos dias de Jesus indicam que cerca de um quarto de milhão de cordeiros eram mortos numa época de Páscoa típica, necessitando de centenas de sacerdotes para executar a tarefa. Visto que todos os cordeiros eram mortos durante um período de duas horas logo antes do crepúsculo no dia 14 Nisã (Êx 12.6), haveria a necessidade de aproximadamente seiscentos sacerdotes, que matariam uma média de quatro cordeiros por minuto, para realizar a tarefa numa única noite. A tradição permitia que apenas dois homens levassem um cordeiro ao templo para o

sacrifício, e depois que cada cordeiro tivesse sido morto, tinha de ser levado imediatamente para casa e ser assado. Mesmo assim, o templo estaria densamente abarrotado enquanto os cordeiros estavam sendo mortos, com cerca de meio milhão de pessoas movendo-se pela área num espaço de duas horas.

No entanto, os judeus do período de Jesus tinham dois métodos diferentes de calcular o calendário, e isso ajudava a aliviar o problema. Os fariseus, como também os judeus da Galiléia e os distritos do norte de Israel, contavam os seus dias de um nascer do sol até o outro. Mas os saduceus, e o povo de Jerusalém e os distritos circunvizinhos, calculavam seus dias de um pôr-do-sol ao outro. Isso significava que o dia 14 de Nisã para um galileu caía na quinta-feira, enquanto para os habitantes de Jerusalém caía na sexta-feira. E assim a matança dos cordeiros poderia acontecer em dois períodos de tempo de duas horas em dias sucessivos assim aliviando um pouco o trabalho dos sacerdotes. Cerca de metade dos cordeiros poderia ser morto na quinta-feira, e a outra metade era morto na sexta-feira.

(Essa troca na cronologia explica por que Jesus e seus discípulos – todos galileus, com exceção de Judas – comeram a refeição da Páscoa na quinta-feira à noite no Cenáculo, entretanto João 18.28 registra que os líderes judeus – todos residentes em Jerusalém – ainda não haviam celebrado a Páscoa no dia seguinte quando Jesus foi levado para ser julgado no Pretório. Isso também explica por que João 19.14 indica que o julgamento e a crucificação de Jesus aconteceram no dia da Preparação para a Páscoa).

Entretanto, a quantidade de sangue que resultava de todos esses sacrifícios era enorme. O sangue podia fluir pelo íngreme declive oriental do monte do templo e para o Vale de Cedrom, onde deixava o riacho tingido de um vermelho vivo durante um período de vários dias. Era uma lembrança vívida do preço terrível do pecado.

Claro que todo esse sangue e todos esses animais não podiam de fato expiar o pecado. “Porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados” (Hb 10.4). Os cordeiros apenas simbolizavam um sacrifício mais perfeito que o próprio Deus providenciaria para remover os pecados. Foi por isso que João Batista olhou para além desses sacrifícios animais e apontou para o verdadeiro “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29). O pleno significado dessa profecia estava para ser revelado.

A ÚLTIMA PÁSCOA PREPARADA

Cedo naquela quinta-feira os discípulos começaram a fazer os preparativos para a Páscoa. “No primeiro dia dos pães asmos, [aqui Mateus estava empregando o coloquialismo comum que combinava as duas grandes

festas] vieram os discípulos a Jesus e lhe perguntaram: Onde queres que te façamos os preparativos para comeres a Páscoa? (Mt 26.17)

Fica evidente do relato de Mateus que Jesus já tinha arranjado de antemão muitos dos detalhes para essa noite. Com tantos israelitas visitantes que vinham anualmente a Jerusalém para a festa, era comum que os habitantes da cidade mantivessem aposentos que eles alugavam para que os visitantes pudessem ter um lugar privado para comer a refeição da Páscoa com os amigos e a família. Jesus tinha evidentemente providenciado o uso de um desses locais para ele e os seus discípulos – um cenáculo, que provavelmente foi colocado à sua disposição por alguém que Jesus conhecia e que era por sua vez um crente em Jesus, mas talvez desconhecido dos discípulos. Essa pessoa nunca é identificada por nome em quaisquer dos relatos evangélicos. Em todo caso, Jesus tinha evidentemente feito em segredo esses arranjos, para evitar que ficasse conhecido com antecedência onde ele estaria nessa noite com os discípulos (Se Judas tivesse conhecimento prévio do local da Última Ceia, teria sido uma questão simples para ele revelar ao Sinédrio onde eles poderiam encontrar Jesus. Mas era necessário ao plano de Deus que ele celebrasse a Páscoa com os seus discípulos antes de ser traído).

Muitos preparativos precisavam ser feitos. O cordeiro não apenas necessitaria ser morto no templo e depois ser levado de volta para ser assado, mas outros elementos da refeição também precisavam estar preparados. Os principais entre os elementos de uma Páscoa eram o pão sem fermento, o vinho e um prato feito de ervas amargas. A responsabilidade de preparar esses elementos provavelmente foi dividida entre alguns dos discípulos. E a tarefa de organizar a sala e a mesa estava já sendo cuidada por um criado do proprietário do cenáculo.

Assim Jesus lhes disse, “Ide à cidade ter com certo homem e dizei-lhe: O Mestre manda dizer: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos” (Mt 26.18). De acordo com Marcos 14.13 e Lucas 22.10, Jesus lhes disse que o homem que eles iriam procurar estaria “trazendo um cântaro de água”. Normalmente, carregar água era tarefa de uma mulher, assim seria fácil identificar o homem. Jesus, que conhecia todas as coisas (Jo 16.30), sabia precisamente onde o homem estaria quando eles o encontrassem. Esta ainda é outra prova de que ele estava soberanamente no controle de todos esses acontecimentos.

De Lucas 22.8 ficamos sabendo que Pedro e João foram especificamente designados para encontrar o homem e ajudar a preparar o Cenáculo. Marcos diz que eles deveriam localizar o homem, segui-lo até a sua casa, e então repetir ao dono da casa o que Jesus tinha lhes dito. Lá eles encontrariam “um espaçoso cenáculo mobilado e pronto” (Mc 14.15). Eles “fizeram como Jesus lhes ordenara e prepararam a Páscoa” (Mt 26.19).

Há um profundo significado na declaração de Jesus, “O meu tempo está próximo... celebrarei a Páscoa” (v. 18). Em várias ocasiões anteriores, Pedro e João o tinham ouvido dizer, “O meu tempo ainda não chegou” (Jo 7.6) – ou palavras com esse mesmo significado. A hora dele havia chegado, o momento para o qual ele tinha vindo no mundo, e ele declarou esse fato claramente para Pedro e João. Ele sabia que tinha apenas mais uma noite para passar com os seus discípulos, e ele a passaria guardando a Páscoa. A frase grega traduzida “eu guardarei a Páscoa” usa uma expressão de tempo presente para expressar um acontecimento futuro (literalmente, “eu guardo a Páscoa”). Assim, ele salientou a inviolabilidade absoluta do plano divinamente orquestrado.

Era vital para Cristo guardar essa última Páscoa. Mais tarde nessa noite ele diria para os discípulos, “Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta Páscoa, antes do meu sofrimento. Pois vos digo que nunca mais a comerei, até que ela se cumpra no reino de Deus” (Lc 22.15,16). Os acontecimentos dessa noite introduziriam a culminação de tudo que todas as Páscoas anteriores figuravam. O verdadeiro Cordeiro de Deus estava próximo de ser sacrificado, e essa última refeição de Páscoa então seria rica de significado, mais que qualquer Páscoa já guardada pela mais devota das famílias israelitas.

A FESTA CELEBRADA

Sobre os outros acontecimentos do dia – chegando até a própria refeição da Páscoa – os relatos dos evangelhos fazem silêncio total. Jesus pode ter passado o dia sozinho em oração com o Pai enquanto os discípulos preparavam a Páscoa. Quaisquer que tenham sido as atividades do dia, Jesus e os seus discípulos se encontraram no momento designado e foram para o cenáculo, onde as coisas estavam completamente preparadas. O apóstolo João dedica vários capítulos (Jo 13–17) para fazer um relato detalhado do discurso de Jesus dessa noite (Uma exposição do discurso no cenáculo está além da extensão desta obra, mas eu tratei disso num outro livro).¹

Mateus salta diretamente para o cenáculo e a cena da refeição da Páscoa. “Chegada a tarde, pôs-se ele à mesa com os doze discípulos” (Mt 26.20). Teria sido depois das seis horas na quinta-feira à noite quando eles se sentaram para comer. A palavra grega traduzida por “sentaram-se” é o verbo *anakeimai* que também significa “reclinar-se”. Era comum servir uma refeição assim numa mesa baixa diante da qual os convidados se reclinavam para participar. Do relato de João, nós aprendemos que Cristo e os discípulos estavam comendo numa posição reclinada, porque a cabeça de João estava perto do peito de Jesus (Jo 21.20).

¹ John MacArthur, *Como Ser Crente em um Mundo de Descrentes* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003).

Isso estava em total contraste com a primeira Páscoa que foi comida apressadamente, de pé, as roupas cingidas para viagem, sandálias nos pés e cajado na mão (Êx 12.11). Naquela ocasião, os israelitas estavam se preparando para fugir do Egito. Nessa ocasião, não havia fuga planejada. Cristo iria dali para o jardim onde ele seria traído e entregue nas mãos dos seus assassinos. Sua hora estava próxima.

Havia uma seqüência bem estabelecida no processo de comer uma Páscoa. Primeiro, um cálice de vinho era distribuído, o primeiro de quatro cálices compartilhados durante a refeição. Cada pessoa tomava um gole de um cálice comum. Antes de passar o cálice Jesus deu graças (Lc 22.17).

Depois que o cálice inicial era passado, havia uma lavagem cerimonial para simbolizar a necessidade de limpeza moral e espiritual. Parece ter sido durante essa lavagem cerimonial que os discípulos “suscitaram também entre si uma discussão sobre qual deles parecia ser o maior” (Lc 22.24). João relata que Jesus “levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela. Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido” (Jo 13.4,5). Tomando o papel do mais baixo servo, Cristo assim transformou a cerimônia de limpeza numa lição prática sobre a humildade e a verdadeira santidade. A lavagem externa nada vale se o coração estiver contaminado. E o orgulho é uma prova segura da necessidade de uma limpeza do coração. Cristo tinha feito uma observação semelhante para os fariseus em Mateus 23.25-28. Agora ele lavou os pés dos discípulos, ilustrando que até mesmo crentes com corações regenerados precisam ser lavados periodicamente da corrupção externa do mundo.

Seu ato era um modelo de verdadeira humildade. Lavar os pés era uma tarefa delegada tipicamente ao mais baixo escravo. Normalmente, num cenáculo alugado como esse, um criado estaria à disposição para lavar os pés dos convidados quando eles entravam. Omitir esse detalhe era considerado uma descortesia total (cf. Lc 7.44). Lavar os pés era necessário por causa do pó, da lama e outras sujeiras encontradas por um pedestre nas estradas sem pavimento dentro e ao redor de Jerusalém. Mas evidentemente não havia nenhum servo para executar a tarefa quando Jesus e os discípulos chegaram ao cenáculo; então, em vez de se apresentarem para executar uma tarefa tão humilhante um para outro, os discípulos tinham simplesmente deixado os seus pés sem lavar. O gesto de Cristo era tanto um ato de auto-humilhação como uma repreensão sutil aos discípulos (cf. Jo 13.6-9). Também era um modelo para o tipo de humildade que ele espera de todos os cristãos (v. 15; cf. Lc 22.25,26).

Depois da lavagem cerimonial, a refeição da Páscoa continuava com o comer das ervas amargas (Êx 12.8) (Estas eram salsa, endívia e verduras de folhas semelhantes). A amargura das ervas evocava a aspereza da escravidão

de Israel no Egito. As ervas eram comidas com pedaços de pão sem fermento, imersas numa substância chamada *charoseth*, um molho picante feito de romãs, maçãs, tâmaras, figos, passas e vinagre, O *charoseth* era comparado à argamassa usada por um pedreiro – e novamente era rememorativo da escravidão israelita no Egito onde eles produziam tijolos.

Em seguida, o segundo cálice era passado. Era nesse momento que o cabeça da casa (nesse caso, sem dúvida Jesus) explicava o significado da Páscoa (cf. Êx 12,26,27). Em uma Páscoa judaica tradicional, a criança mais jovem faz quatro perguntas pré-determinadas, e as respostas são recitadas de uma narrativa poética do Êxodo.

A circulação do segundo cálice seria acompanhada pelo cântico de salmos. Tradicionalmente, os salmos cantados na Páscoa eram do Hallel (hebraico para “louvor”; essa é a mesma palavra da qual *Aleluia* é derivada), O Hallel consistia de seis salmos que começava com o Salmo 113. Os salmos de Hallel eram provavelmente cantados em ordem, os primeiros dois sendo cantados nesse momento na cerimônia.

O cordeiro assado seria servido na seqüência. O chefe da casa cerimonialmente lavaria as suas mãos novamente, e partiria e distribuiria pedaços do pão sem fermento às pessoas ao redor da mesa, para ser comido com o cordeiro.

A AÇÃO MALIGNA PREDITA

Foi provavelmente em algum ponto nesses primeiros momentos da refeição – possivelmente enquanto o cordeiro estava sendo comido – que Jesus emitiu uma nota sinistra. “E, enquanto comiam, declarou Jesus: Em verdade vos digo que um dentre vós me trairá” (Mt 26.21). Várias vezes antes disso ele tinha predito a sua própria morte. Porém, essa foi a primeira vez que ele tinha falado de ser traído por um dos seus próprios discípulos.

Pode-se apenas imaginar que desalento isso teria provocado no que era – pela maior parte até esse instante – uma ocasião festiva. A palavra para “trair” é o verbo grego *paradidomai*, que falava de entregar um prisioneiro para castigo. É a mesma palavra usada em Mateus 4.12, quando João Batista foi lançado na prisão. Esse era um pensamento inimaginável para a maioria dos discípulos – que Jesus seria entregue aos seus inimigos por um deles. E, no entanto, cada um sabia evidentemente que o potencial para essa deslealdade encontrava-se no coração de cada um deles. “E eles, muitíssimo contristados, começaram um por um a perguntar-lhe: Porventura, sou eu, Senhor?” (Mt 26.22).

Sem dizer nada para acalmar o medo deles, antes salientando a natureza medonha da traição que estava a ponto de acontecer, Jesus respondeu, “O que

mete comigo a mão no prato, esse me trairá” (v. 23). O terrível mal inerente a essa hipocrisia e à traição foi perfeitamente descrito num dos salmos de Davi:

Com efeito, não é inimigo que me afronta;
se o fosse, eu o suportaria;
nem é o que me odeia quem se exalta contra mim,
pois dele eu me esconderia;
mas és tu, homem meu igual,
meu companheiro e meu íntimo amigo.
Juntos andávamos,
juntos nos entretínhamos e íamos com a multidão à Casa de Deus (Sl 55.12-14).

No Salmo 41.9, Davi escreveu um lamento semelhante sobre seu conselheiro de confiança, Aitofel, que se uniu a Absalão na revolta contra Davi: “Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar”.

De acordo com João 13.18, Jesus citou o Salmo 41.9 nessa noite no cenáculo, indicando que o salmo tinha um significado messiânico que estava próximo de ser cumprido.

A traição de Cristo, bem como todos os outros detalhes do drama da crucificação, fazia parte do eterno plano redentor de Deus. Jesus reconheceu esse fato quando disse, “O Filho do homem vai, como está escrito a seu respeito” (Mt 26.24). Deus usaria o ato desleal de Judas para provocar a redenção de multidões não contadas. Mas mesmo assim, o ato de traição em si não era por causa disso interpretado como uma coisa boa. Não é porque Deus usa um ato mau para os seus próprios propósitos santos que esse mal pode ser chamado de bem. O fato de que os propósitos soberanos de Deus sempre são bons não santifica de forma alguma as intenções malignas de Judas. Ao contrário do que alguns sugeriram, Judas era um diabo voluntário (Jo 6.70), não um santo inconsciente. Seu destino era a condenação eterna. E Cristo enfatizou essa verdade em Mateus 26.24 também: “O Filho do homem vai, como está escrito a seu respeito, mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do homem está sendo traído! Melhor lhe fora não haver nascido!”.

Os onze discípulos além de Judas ficaram intimidados pelo pensamento de que um dentro deles seria culpado de um ato tão sinistro. E, no entanto, é notável que a primeira resposta deles não foi acusar – mas o auto-exame. Tendo sido reprovados tão recentemente por Cristo pela sua falta de humildade por não terem lavado os pés uns dos outros, eles estavam sem dúvida ponderando a própria fragilidade pecadora. Agora eles estavam encarando um prospecto até mesmo mais perturbador: entre esses homens tão intimamente ligados entre si, que implicitamente confiavam uns nos outros, havia um traidor.

Cada um examinou seu próprio coração, e conhecendo a própria suscetibilidade ao pecado, eles perguntaram ansiosamente para Jesus, “Sou eu?” Cada um provavelmente desejou saber se de alguma maneira poderia inconscientemente fazer alguma coisa para pôr em risco o Senhor ou de revelar aos seus inimigos onde ele poderia ser encontrado.

João registra, “Então, os discípulos olharam uns para os outros, sem saber a quem ele se referia” (Jo 13.22). No entanto, não havia nada no comportamento de Judas ou na maneira como Jesus o havia tratado até esse ponto que tivesse dado aos outros discípulos uma pista de que ele fosse o traidor. “Jesus sabia, desde o princípio, quais eram os que não criam e quem o havia de trair” (Jo 6.64), mas ele nunca tinha desconfiado ou se esquivado de Judas; ele sempre o tratou com a mesma ternura e benevolência demonstradas aos outros. E também, Judas era o tesoureiro e assim parecia desfrutar de uma medida extra da confiança de todos. Ele provavelmente era um dos últimos discípulos de quem qualquer um teria suspeitado. E no entanto toda a sua associação com Jesus tinha sido nada mais que um enigma.

O TRAIADOR DESMASCARADO

Para manter o enigma mais um pouco, Judas se juntou ao grupo perguntando, “Acaso sou eu, Mestre?” (Mt 26.25). A expressão grega transmite uma incredulidade zombeteira. Uma versão habilmente traduz isso desta forma: “Seguramente não sou eu, Mestre?” (NASB).

Jesus simplesmente respondeu, “Tu o disseste” (v. 25). Esse comentário foi feito evidentemente em voz baixa, para Judas apenas, ou então os outros discípulos não conseguiram captar seu significado, porque o apóstolo João, que estava reclinando próximo a Jesus não ouviu. João registra que Pedro fez um sinal para perguntar a Jesus sobre quem ele estava falando:

Ora, ali estava conchegado a Jesus um dos seus discípulos, aquele a quem ele amava; [esse é o modo pelo qual João se identificou ao longo do seu evangelho] a esse fez Simão Pedro sinal, dizendo-lhe: Pergunta a quem ele se refere. Então, aquele discípulo, reclinando-se sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe: Senhor, quem é? Respondeu Jesus: É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado. Tomou, pois, um pedaço de pão e, tendo-o molhado, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes (Jo 13.23-26).

Até mesmo essa conversa deve ter acontecido aparentemente em tons sussurrados, porque nenhum dos outros discípulos parecia perceber que Cristo estava identificando Judas como o traidor. Quando ele disse então para Judas, “o que pretendes fazer, faze-o depressa” (v. 27), João diz, “Nenhum, porém, dos que estavam à mesa percebeu a que fim lhe dissera isto. Pois, como Judas era quem trazia a bolsa, pensaram alguns que Jesus lhe dissera: Compra o que precisamos para a festa ou lhe ordenara que desse alguma coisa aos pobres” (vs. 28,29).

João também registra que depois que Judas tomou o pedaço de pão de Jesus, Satanás entrou nele (v. 27). Como antes, quando Judas organizou a traição com o Sinédrio, ele estava possuído pelo diabo. Tendo endurecido o seu coração para com Jesus, ele se tornou totalmente um instrumento do maligno.

A destruição eterna de Judas estava agora estabelecida. Tudo que faltava fazer era a própria ação. E não havia nenhum motivo para prolongar a questão. Na verdade, Jesus queria agora que o traidor possuído por Satanás saísse do aposento para que ele pudesse terminar a refeição pascal com os seus verdadeiros discípulos. Assim, ele instruiu Judas a cumprir sem demora o seu desígnio.

Não há como saber se o plano original de Judas era trair Jesus nessa noite em particular. Claro que nós sabemos de Mateus 26.5 que os líderes judeus teriam preferido esperar pelo menos até depois do período da festa – ainda a uma semana de distância – para tratar com Jesus. Mas o cronograma divino era perfeito, e aqueles acontecimentos no cenáculo selaram a decisão de Judas para trair Jesus nessa mesma noite. Ele sabia exatamente como fazer isso, porque o costume que Jesus tinha de orar com seus discípulos no Getsêmani era bem estabelecido (Jo 18.2).

UMA NOVA FESTA INSTITUÍDA

Desse momento em diante, aquela última Páscoa se tornou a instituição da ordenação da Nova Aliança conhecida como a Ceia do Senhor.

Enquanto comiam, tomou Jesus um pão, e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo. A seguir, tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados. E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai. E, tendo cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras (Mt 26.26-30).

A Páscoa tinha sido observada em Israel desde a véspera da partida deles do Egito sob Moisés – quase mil e quinhentos anos antes de Cristo. Era o ritual mais antigo da antiga aliança. Precedeu a entrega da lei. Foi instituída antes de quaisquer das outras festas judaicas. Era mais antiga que o sacerdócio, o tabernáculo e o restante do sistema sacrificial mosaico.

Essa noite marcou o fim de todas essas cerimônias e a vinda da realidade que elas prenunciavam. Era a última Páscoa sancionada por Deus. A Antiga Aliança, junto com todos os elementos cerimoniais que pertenceram a ela, estava próxima do seu término com a introdução de uma Nova Aliança gloriosa que nunca se extinguiria.

As festas, os rituais e o sacerdócio da economia mosaica todos apontavam adiante para o Grande Sumo Sacerdote que ofereceria um sacrifício pelo pecado para sempre. Isso estava a ponto de se tornar uma realidade. De agora em diante, o povo de Deus celebraria com uma nova festa que olhava para trás, em memória da obra sumo sacerdotal de Jesus.

E assim Jesus aproveitou alguns dos elementos da refeição pascal e os transformou em elementos da ordenação da Nova Aliança. Era o fim da Páscoa por todos os tempos e o início de algo novo e maior.

Mateus declara que a festa da Páscoa ainda estava em andamento. Com toda a probabilidade, eles haviam há pouco terminado de comer o cordeiro e estavam prontos para passar para a próxima fase do ritual da Páscoa que teria sido a circulação de outro cálice de vinho.

Jesus tomou um pedaço do pão sem fermento e “abençoou-o” – ou deu graças a Deus pelo pão. Então ele o partiu e o distribuiu aos discípulos dizendo, “Tomai, comei; isto é o meu corpo”. A declaração indubitavelmente chocou os discípulos. Era uma lembrança das palavras de Jesus em João 6, onde ele se descreveu como o pão de vida, o verdadeiro maná que tinha descido do céu. Naquele contexto anterior, ele estava falando com multidões de seguidores – muitos deles pseudodiscípulos semelhantes a Judas – e ele lhes disse, “Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos” (Jo 6.53). Naquela ocasião as suas palavras tinham sido tão difíceis de receber que “muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele” (v. 66).

Não há aqui nenhum tipo de apoio para a superstição que deu origem à doutrina católico-romana da transubstanciação – a noção de que o pão e o vinho são sobrenaturalmente transformados no corpo e no sangue verdadeiros de Cristo. Alguns insistem que porque Cristo disse, “Este é meu corpo”, em vez de “Isto *simboliza* meu corpo”, ele estava ensinando a doutrina da transubstanciação. O bom senso traz outra sugestão. Os próprios discípulos não poderiam ter entendido isso como qualquer coisa diferente de simbolismo. Afinal de contas, o seu corpo verdadeiro ainda não havia sido oferecido em sacrifício. Ele estava fisicamente presente naquele corpo, e eles o tinham visto repartir o pão sem fermento. A noção do pão sendo de fato transubstanciado em carne de verdade não teria feito nenhum sentido nesse momento. O sentido claro das suas palavras era claramente simbólico – muito embora os discípulos sem dúvida não houvessem entendido todo o significado do simbolismo.

De um modo semelhante, Jesus uma vez tinha dito sobre João Batista, “ele mesmo é Elias” (Mt 11.14) – e ninguém teria entendido essa declaração de modo literal. Expressões semelhantes a essas são comuns até hoje, e é um erro tomar essas palavras num sentido literal. A noção de transubstanciação

foi responsável por todos os tipos de superstição e idolatria grave, e é importante que não entendamos de modo incorreto o que Jesus quis dizer aqui, para que não corrompamos o significado da ordenança.

Ele estava instituindo o que se tornaria uma *recordação* da sua morte (Lc 22.19), não um ritual que envolve um perpétuo re-sacrifício *constante* do seu corpo.

Depois que o pão foi comido, ele tomou o cálice de vinho, novamente deu graças, e disse, “Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados” (Mt 26.27,28). (O verbo grego que significa dar graças é *eucharisto* do qual temos Eucaristia, o nome freqüentemente dado à observância da Ceia do Senhor.)

Esse teria sido provavelmente o terceiro dos quatro cálices de vinho que passavam durante uma Páscoa tradicional. O terceiro cálice era chamado “o cálice da bênção” que é a mesma expressão que o apóstolo Paulo usa para falar de taça de comunhão em 1 Coríntios 10.16.

As palavras de Cristo enquanto ele passava o cálice teriam aturrido os discípulos até mesmo mais do que a sua referência ao pão como o corpo dele. Não havia na mente judaica nenhuma prática mais repulsiva e repugnante que a ingestão de sangue de qualquer tipo. A lei cerimonial do Antigo Testamento proibia estritamente comer e beber qualquer tipo de sangue (Lv 17.14). É por isso que até hoje carnes *kosher* são preparadas com um processo projetado para as limpar de todo resíduo de sangue. Na igreja primitiva judaica, a idéia de ingerir sangue era julgada tão ofensiva que o conselho de Jerusalém pediu aos crentes pagãos que se privassem da prática em deferência aos seus irmãos judeus (At 15.20). Paulo deixou claro depois que nenhuma comida seria considerada imunda se recebida com ação de graças (1Tm 4.4). Mas uma aversão a comer sangue estava tão profundamente arraigada na consciência do judeu que até mesmo depois quando deixou de ser considerado cerimonialmente imunda, muitos consideravam a prática revoltante.

Assim, para Jesus oferecer aos discípulos um cálice com as palavras, “Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue” seguramente teria ofendido a sensibilidade deles. Era uma declaração chocante, e é fácil imaginar os discípulos trocando olhares assustados e sussurrando entre eles sobre o que ele possivelmente estaria querendo dizer.

O fato de ele ter classificado como “o sangue da nova aliança” é significativo. Alianças importantes sempre foram ratificadas pelo derramamento de sangue sacrificial. Quando alguém fazia um pacto com seu vizinho, por exemplo, às vezes para solenizar o pacto, um bezerro sacrificial era cortado em dois pedaços e os pedaços arranjados no chão. Então as partes do pacto caminhariam juntas entre os pedaços do animal morto, declarando assim a vontade deles de serem cortados em pedaços caso violassem o pacto.

Esse tipo de cerimônia pactual é citado em Jeremias 34.18. Nós também vemos isso em Gênesis 15.9-18, onde Jeová fez Abraão dormir e passou sozinho entre as partes dos animais, demonstrando a natureza incondicional da sua aliança com Abraão.

Quando a Aliança mosaica foi instituída, Moisés solenizou isso sacrificando vários bois grandes. Ele coletou o sangue deles em bacias grandes. Então tomou um ramo de hissopo (uma erva em forma de vassoura), imergiu-o no sangue e o aspergiu sobre o povo, atirando gotas de sangue sobre a congregação inteira. Nessa ocasião, Moisés disse palavras bem parecidas com o que Jesus disse aos discípulos no cenáculo – “Eis aqui o sangue da aliança que o Senhor fez convosco” (Êx 24.5-8).

O derramamento de sangue era um aspecto vital da ratificação de qualquer aliança, mas na Nova Aliança, o sangue de Cristo serviu a um propósito duplo, porque o tema da Nova Aliança era a redenção, e o derramamento de sangue era um aspecto essencial da expiação pelo pecado. “Sem derramamento de sangue, não há remissão” (Hb 9.22) “...a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida” (Lv 17.11).

Há, infelizmente, muita superstição e compreensão incorreta sobre o significado do sangue de Cristo. Um livro popular, escrito vários anos atrás por um autor evangélico famoso, sugere que havia algo sem igual na química do sangue de Cristo. Ele imaginou que o sangue de Cristo não era sangue humano. Em vez disso, ele disse, o sangue que corria pelas veias de Jesus era o sangue de Deus. Claro que isso significaria que o corpo de Cristo não era completamente humano (um eco da antiga heresia do docetismo). Outros cristãos compuseram canções familiares sobre sangue de Cristo (como “Há Poder no Sangue” ou “Há uma Fonte Cheia de Sangue”). Eles imaginam que há alguma propriedade sobrenatural no sangue de Cristo que o torna espiritualmente poderoso, ou que o sangue de Jesus era sobrenaturalmente coletado e preservado numa cisterna divina como alguma relíquia celestial. Alguns até mesmo supõem que o sangue literal de Cristo é aplicado por alguns meios místicos a cada crente na conversão, e então coletado novamente de forma que possa ser perpetuamente aplicado e reaplicado. E muitas pessoas acreditam que apenas mencionar o sangue de Cristo é um meio poderoso de anular a atividade do demônio – semelhante a um “abracadabra” cristão. Idéias fantásticas como essas saem do mesmo pensamento supersticioso que gerou a noção de transubstanciação.

Quando as Escrituras declaram que nós somos resgatados pelo sangue de Cristo, não devemos pensar que seu protoplasma ou seus corpúsculos tivessem alguma propriedade sobrenatural. O sangue dele era sangue humano normal, da mesma maneira que seu corpo inteiro era completamente humano

em todos os aspectos. O “poder do sangue” sobre o qual nós cantamos está na reconciliação que ele comprou pelo derramamento do seu sangue, não no próprio fluido real.

De igual modo, as referências bíblicas ao sangue de Cristo não falam do sangue que flui nas veias do Cristo vivo; elas se referem à expiação de sangue que ele ofereceu em nosso favor pela sua morte. À parte da sua morte, nenhuma quantidade de mero derramamento de sangue teria tido qualquer eficácia para salvar os pecadores. Assim, quando a Bíblia fala sobre o sangue de Cristo, ela usa a expressão como uma metonímia para a sua morte expiatória.

Por exemplo, aqui na última Páscoa quando ele passou o cálice e disse que ele simbolizava o sangue da Nova Aliança, derramado para o perdão de pecados, os discípulos teriam obviamente compreendido isso como uma referência ao tipo de morte violenta sofrida por um animal sacrificial. Eles sabiam que ele não falava de hemorragia propriamente dita, mas um derramamento de sangue violento que termina em morte — a morte sacrificial como um substituto para a reconciliação de pecadores.

Cristo já estava estabelecendo na mente deles o significado teológico da sua morte. Ele queria que eles entendessem que quando o vissem sangrando e morrendo nas mãos dos carrascos romanos, que ele não estava sendo uma vítima infeliz de homens ímpios, mas que estava soberanamente cumprindo seu papel como o Cordeiro de Deus – o grande Cordeiro Pascal – que tira o pecado do mundo.

E ao instituir a ordenação como uma recordação da sua morte, ele fez do cálice de comunhão uma lembrança perpétua dessa verdade para todos os crentes de todos os tempos. A questão não era imputar alguma propriedade mágica transubstanciada para o fluido vermelho (como a teologia católico-romana sugere), mas de significar e simbolizar a sua morte expiatória.

Assim, quando a última Páscoa chegou ao fim, uma ordenança nova foi instituída para a igreja. E Jesus disse aos discípulos que esse seria o último cálice que ele beberia com eles até que ele o bebesse novamente no reino do Pai (Mt 26.29). Ao dizer isso, ele não apenas salientou quão iminente a sua partida era, mas ele também os assegurou do seu retorno. Implicitamente, ele também assegurou que eles todos estariam juntos com ele naquele reino glorioso.

Eles não poderiam ter entendido toda a importância das suas palavras nessa noite. Somente depois da sua morte e ressurreição é que a maioria dessas verdades tornou-se clara para eles. Eles indubitavelmente sentiam que algo importante estava acontecendo, mas não sabiam explicar isso nessa noite.

A refeição tinha terminado. A última Páscoa estava completa. Mateus registrou que eles cantaram um Salmo — provavelmente o 118, o último salmo do Hallel, que era a maneira tradicional de terminar a Páscoa. Talvez quando ainda estava no cenáculo, ou logo depois de sair, Jesus fez a longa oração que está registrada em João 17 – sua oração sacerdotal. Então, partiram para o monte das Oliveiras. Somente Jesus compreendia os acontecimentos terríveis que estavam por vir.

Fonte: *A Morte de Jesus*, John MacArthur,
Cultura Cristã, p. 36-53.